

## Decadência e queda do império freudiano <sup>1</sup>

Luiz Fernando de Lara Campos

Departamento de Psicologia - Universidade São Francisco/Itatiba

Desde o seu surgimento, a Psicanálise tem provocado muitas controvérsias quanto ao seu valor científico e sua eficácia técnica. As posições favoráveis e desfavoráveis tem se sucedido historicamente.

H.J. Eysenck é um dos mais renomados psicólogos e críticos da Psicologia. Neste livro, o Autor pretende levar o leitor a ter contato com as informações que contradizem a Psicanálise e seu criador, arrolando para isto dados de pesquisas publicadas que demonstram fatos contrários aos afirmados por este enfoque teórico, caracterizando, assim, a tendência geral de todo seu conteúdo. Vale ressaltar que enquanto psicólogo, Eysenck adota o enfoque comportamental.

Na introdução, são apresentados os fundamentos teóricos da Psicologia e da Ciência de um modo geral para que o leitor possa acompanhar o desenvolvimento da argumentação teórica e/ou técnica que será tratada nos capítulos seguintes do livro. Algumas concepções metodológicas e históricas são analisadas sobre o ângulo da construção de uma Psicologia científica, de ciência natural. Os diversos pressupostos que fazem parte de uma ciência, como parcimônia, generabilidade, replicabilidade, fidedignidade, etc., são indicados e estudados a partir das propostas de Karl Popper, indicando algumas pseudociências segundo a posição deste teórico.

No primeiro capítulo, o Autor relata fatos da vida de Sigmund Freud, criador da Psicanálise, negados ou omitidos pelas suas biografias oficiais. Após uma breve revisão da vida de Freud, o foco desloca-se para as condições na qual a Psicanálise surgiu. A partir da revisão das condições da descoberta do Método de Associação Livre durante o caso de Anna O., Eysenck traz dados nos quais a descoberta deste método não pode ser unicamente atribuída a Freud, mas sim a Francis Galton, polígrafo inglês, que publicou seus dados na revista **Brain**, que na época era assinada pelo próprio Freud. Este é apenas um exemplo do caminho seguido pelo Autor. Considerações sobre o impacto do livro "Interpretação dos Sonhos" no meio científico da época, o mito do "Herói Freud", e as "comprovações" da teoria psicanalítica são traçadas.

A seguir, o método de tratamento psicanalítico é considerado, iniciando por um breve esclarecimento ao leitor das suposições de cura na Psicanálise. O Autor afirma que a atitude de Freud foi negar sistematicamente a possibilidade indicada por outros modelos teóricos já existentes na época, como se a única forma da verdade fosse a psicanálise. A dificuldade da Psicanálise em demonstrar sua eficácia e validade é o ponto central nas críticas enumeradas. A argumentação dos psicanalistas de que é impossível aplicar-se o método experimental à sua investigação é refutada, com a sugestão de condições favoráveis à experimentação usando os próprios constructos teóricos psicanalíticos. Assim, são desenvolvidas argumentações contrárias à cura psicanalítica relatada por Freud. Um exemplo retomado aqui é o relato do "Homem

---

1 Eysenck, H.J. **Decadência e queda do império freudiano**. Tradução do original de 1985 por Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993. 224 págs.

Endereço para correspondência: Rua Frei Caneca, 812, apto. 1203, São Paulo, SP, Cep 01307-000. Telefone: (011)258-0916.



Lobo", que mais de sessenta anos após ter obtido através do tratamento psicanalítico sua "alta" (cura), relata estar sofrendo dos mesmos problemas que o fizeram procurar o tratamento psicanalítico. O Autor aborda, ainda, da mesma forma os casos "Anna O.", Daniel Paul Schreber e "Dora", para considerar as práticas freudianas e sua possível eficácia.

No capítulo terceiro, a temática é o tratamento psicanalítico e suas alternativas. A partir de considerações sobre as possíveis estratégias científicas para a pesquisa de efeitos do tratamento psicanalítico, o Autor arrola diversos estudos que em quase um século de pesquisas não conseguiram associar qualquer melhora do paciente ao tratamento psicanalítico, indicando que as possíveis explicações psicanalíticas não puderam ser relacionadas às melhoras encontradas. Outro ponto polêmico apontado pelo Autor são os critérios de seleção de clientes por psicanalistas, que indicariam um perfil (jovens, atraentes, articulados, inteligentes e bem-sucedidos) que seria direcionado para o progresso psicoterápico, fato este que poderia levar a uma melhora, independente do tratamento. Os estudos indicativos da validade do tratamento psicanalítico são analisados em termos de sua metodologia, finalizando com uma breve comparação entre as propostas comportamentais e as psicanalíticas.

O tema do quarto capítulo é desenvolvimento infantil, a formação da personalidade e a relação com o meio ambiente. Estes foram pontos abordados por Freud, principalmente, a partir do caso do "Pequeno Hans". Entretanto, segundo o Autor, Freud jamais observou ou conversou diretamente com esta criança, baseando-se apenas nos relatos por cartas feitos por seu pai, que era adepto da teoria freudiana. Deste modo, Eysenck relata que toda a compreensão do caso do "Pequeno Hans" por Freud se dá através da análise de um paciente que ele não conheceu e cujas informações eram, no mínimo, criticáveis dada a sua origem. Esta situação é

para o Autor fruto de generalizações indevidas, de abusos metodológicos e suposições ao nível de uma pseudo-ciência. O capítulo termina com uma explicação comportamental para o caso do "Pequeno Hans" a partir de relatos do próprio pai utilizados por Freud.

No quinto capítulo, onde uma das temáticas é o significado dos sonhos, estes eternos motivos de curiosidade para a humanidade são enfocados contrapondo-se a teoria freudiana com outras teorias explicativas deste tipo de fenômeno, as quais são, segundo Eysenck, mais plausíveis de serem aceitas. Esta estratégia de contraposição se estende aos fenômenos da psicopatologia da vida quotidiana, como os "atos falhos", que são considerados de outros pontos de vista, que seriam tão ou mais esclarecedores que a premissa psicanalítica. Para o leitor, este é o momento muito esclarecedor, pois possibilita uma contraposição crítica entre diversos enfoques teóricos divergentes.

No sexto capítulo, procede-se a análise dos conceitos freudianos à luz dos métodos experimentais, com um relato dos pouquíssimos estudos existentes com este tipo de metodologia e a sugestão de delineamentos experimentais para futuras investigações na área psicanalítica. Este capítulo reflete a posição do Autor, na qual o estudo científico do tipo experimental foi, e ainda é, a principal fonte de descobertas na ciência. Eysenck afirma que, desde sua criação, Freud e seus discípulos tem se negado a utilizar esta estratégia metodológica para a comprovação de seus constructos teóricos, de tal modo que esta atitude sistemática de negação poderia ser compreendida como uma forma de esquivar-se à possibilidade de comprovação ou não de seus pressupostos, o que não representaria a característica da ciência, na qual uma verdade será sempre relativa, será verdade até que se prove o contrário. O Autor conclui que, apesar da existência de críticas ao método experimental, sua validade é significativa, menos quando se trata dos principais conceitos freudianos, apon-



tando a necessidade da Psicanálise comprovar suas hipóteses dentro de um contexto científico.

A definição do que é Psicologia é, sem qualquer sombra de dúvida, um ponto de difícil obtenção de consenso. Eysenck relata no sétimo capítulo que, infelizmente não faltou imaginação para Freud, que nos legou um enorme fardo. A Psicanálise ou, como prefere Eysenck, "Blá-blá-blá Psi" penetrou em quase toda a cultura ocidental humana, tanto que Freud pode estender suas considerações teóricas sobre pessoas famosas que viveram anteriormente a ele, como por exemplo, Leonardo Da Vinci. Segundo Freud, o célebre sorriso do quadro "Mona Lisa" é uma velha lembrança do sorriso materno, que estava adormecido até sua pintura e que continuou a ser observado nas obras posteriores deste artista. Segundo Eysenck, este foi mais um engano da Freud, pois em quadros anteriores à "Mona Lisa", como "Anna Meterzza", os sorrisos ostentados por dois personagens do quadro são os mesmos observados na obra mais célebre. Conclui o Autor que parece realmente impossível se estabelecer hipótese sobre aspectos psicológicos de pessoas que não se conheceu e das quais a humanidade conhece muito pouco, de forma que a generalização indevida e as formulações de hipóteses sem dados, como já ocorrera no caso "Pequeno Hans", deve ser evitada.

Ao finalizar, Eysenck demonstra as características da Psicanálise enquanto proposição hermenêutica, na qual a importância está na compreensão dos significados, de forma a contrariar a base do conhecimento científico, que esta trabalha com o observável e não com a interpretação subjetiva do significado dos fenômenos. Para o Autor, a Psicanálise parece estar mais para uma pseudo-ciência, se usarmos o critério de Popper, ou da religião/filosofia, sendo que a principal característica estrutural do conhecimento psicanalítico seria a de ser hermético, ser fechado, onde a hipótese indica a solução do problema e as possíveis falhas são

explicadas por suposições inerentes à hipótese que, por sua vez, não são comprováveis.

No geral, o Autor respeita sua proposta de não escrever somente para os especialistas, usando uma linguagem de fácil compreensão a todos os tipos de leitores.

Mesmo sendo um livro para o grande público, o conhecimento do seu conteúdo torna-se fundamental para todos os psicólogos e estudantes, independente de seu enfoque teórico, uma vez que a quase totalidade dos trabalhos utilizados como base para sua elaboração ainda não estão disponíveis em nossa realidade.

Quanto ao conteúdo polêmico, as afirmações e dados são uma forte evidência, cabendo ao leitor avaliá-las criticamente, e aos profissionais da área, promover estudos que possibilitem sua confirmação ou refutação.

Ao leitor, portanto, fica o aviso que esta obra segue uma orientação científica e psicológica contrária à psicanalítica, e que deve ser compreendida dentro do contexto de uma discussão epistemológica e histórica.







## O jornal e o ensino de línguas<sup>1</sup>

Cecília Godoy Camargo Pavani<sup>2</sup>

O conceito educativo da imprensa atuando em programas escolares é relativamente antigo. Há referências de sua utilização em 1702 na Inglaterra e em 1932, o primeiro programa de Jornal na Educação (**Newspapers in Education**, NIE) surge com o **New York Times** em resposta a educadores de New York pedindo jornais do dia nas salas de aula.

Atualmente são mais de 700 programas ativos existentes nos Estados Unidos num esforço cooperativo entre jornais, escolas, universidades e centros literários.

Desde 1980, membros da Associação Internacional de Leitura (IRA) têm encorajado a utilização de jornais no ensino, e dentro desta proposta, o Dr. Rafael Olivares traz a sua contribuição no campo da aquisição da linguagem para estudantes não nativos (estrangeiros), para os quais o inglês constitui um segundo idioma.

Apresentado por Betty L. Sullivan, o livro baseia-se em fundamentos lingüísticos e de aquisição de linguagem na área de ensino-aprendizagem, incluindo atividades com o jornal, apropriadas a estudantes estrangeiros (não nativos), e que têm no Inglês uma segunda língua; essa coletânea de atividades práticas resultada das experiências do autor no ensino do Inglês como segundo idioma e constitui uma importante contribuição à literatura do Jornal na Educação (NIE).

Na introdução, o autor justifica a utilização do jornal como um meio instrucional ideal para o ensino de um segundo idioma devido ao fato dos jornais serem o tipo de material impresso que os estudantes utilizam ao longo de suas vidas; pelo fato dessa prática educativa já estar consolidada nos Estados Unidos e em muitos países da Europa, os jornais têm hoje um lugar importante na sala de aula, outro fator a pesar na escolha do autor.

A população-alvo deste livro são: estudantes bilingües, que têm no Inglês uma segunda língua; e os professores bilingües que utilizam algumas vezes o jornal na sala de aula e que, portanto, precisam de técnicas para suporte no ensino do Inglês como segundo idioma, levando-os a desenvolver estratégias que levam os estudantes não nativos à aquisição de importantes informações básicas para suas vidas a respeito da comunidade em que vivem, sua política e desenvolvimento social, empregos, saúde e outros aspectos práticos da sociedade que os livros normalmente não discutem.

O livro enfatiza o uso do jornal no contexto mais amplo de metodologia de ensino de inglês como segunda língua, com atividades práticas comprovadamente eficazes, segundo três considerações:

1º - Como ocorrem a aquisição e aprendizagem de uma segunda língua;

2º - Conexão entre aprendizagem nas diferentes disciplinas e a aquisição de uma segunda língua;

3º - O valor do ensino cooperativo como estratégia para aquisição de linguagem.

1. Olivares, Rafael A. **Using the newspaper to teach ESL learners**. Newark: Delaware International Reading Association, 1ª ed. (1993). 95 págs.

2. Mestranda em Psicologia Escolar, Departamento de Pós-graduação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Bolsista da CAPES.

Endereço para correspondência: Rua Roberto Simonsem, 735, Jardim Bela Vista - CEP 13090-000, Campinas/SP.



As atividades propostas neste livro, fundamentadas na teoria e pesquisa na aquisição de uma segunda língua, são muito úteis não só para professores bilíngües, mas também para professores que tenham alunos não nativos em relação à língua inglesa em suas classes em qualquer parte do mundo, bem como a psicólogos, psicólogos escolares, fonoaudiólogos, pedagogos que têm acesso a esse tipo de estudante nas escolas ou em suas clínicas. Professores universitários da área de Sociologia e de Lingüística também têm neste livro valiosa contribuição no campo da pesquisa baseada em conceitos provenientes da experiência em campo do autor.

A obra compreende cinco capítulos e um Apêndice.

O primeiro capítulo apresenta ao professor comentários sobre a teoria da aquisição de uma segunda língua, sua aprendizagem e conexões entre a pesquisa e a prática. O autor apresenta uma clara distinção entre aquisição de língua e aprendizagem de língua, à luz de fundamentos psicológicos e sociolingüísticos. O autor demonstra que estudante com boa habilidade na sua própria língua tem melhor desempenho lingüístico na aquisição de uma segunda língua, se comparado a estudante nativo com baixo desempenho na sua própria língua.

Fatores como a influência da personalidade do aprendiz, status social de uma segunda língua, adaptação e identidade da pessoa do estudante não nativo e problemas sociais de adaptação, são igualmente discutidos na qualidade de "filtros" no processo do desenvolvimento da linguagem na escola. Experiências de interpretação, expressão e comunicação são discutidos como forma de desenvolvimento da competência comunicativa do estudante.

O capítulo seguinte apresenta estratégias na sala de aula para a utilização do jornal. A do aprendizado cooperativo e sua utilização regular na classe é uma das atividades aqui apresentadas como uma das estratégias mais eficazes em relação aos seus resultados. O autor apresenta ativi-

dades em que o professor cria ambientes ideais que incitem à interação de estudantes de diferentes níveis de aprendizagem de uma segunda língua, beneficiados com o manuseio do jornal. O autor faz também considerações sobre a estrutura de grupos de estudantes com vivências diferentes e a heterogeneidade da língua, de vital importância para o sucesso da aplicação desta estratégia. Outras duas estratégias comentadas neste segundo capítulo são a resposta física total e o acesso natural, baseadas em pesquisas desenvolvidas por Asher (1982) e Lessow-Hurley (1990), como formas de diminuir as "barreiras" afetivas e naturais que todo estudante não nativo apresenta, a fim de "libertá-lo" para atuar com mais desenvoltura oral na comunidade.

O uso de jornais na Educação a fim de prover os referidos estudantes de material informativo novo, enquanto reforço das habilidades de língua já adquiridas, é apresentado no terceiro capítulo, com várias atividades sugeridas ao professor de forma didática, de acordo com o conteúdo específico para cada nível: organização de uma refeição, ocupações, ambientes de uma residência, categorização dos objetos (alimentos/roupas/veículos). Todas as atividades estão distribuídas entre níveis iniciantes e intermediário/avançado de aprendizagem, incluindo-se neste capítulo, análise de propagandas.

A utilização de jornais pode auxiliar também na integração de habilidades para língua e aquisição de conhecimento nas diferentes disciplinas como Matemática, Ciências ou Estudos Sociais.

O quarto capítulo apresenta uma visão geral de pesquisas e teorias a respeito e num segundo momento, técnicas para o professor usar a fim de integrar o ensino de uma segunda língua ao conteúdo de cada disciplina.

O autor apresenta noções teóricas de 1960 predominantes na Educação de então, desde o behaviorismo e seus problemas na prática de ensino, passando por pesquisas e experiências na sala de aula visando a integrar conteúdo



e língua, na busca por novas estratégias e desenvolvimento de material instrucional. Considerações feitas por Cummins (1981), segundo as quais os estudantes de uma segunda língua, não nativos, necessitam de um ambiente de aprendizagem de língua que lhes permita desenvolver habilidades comunicativas interpessoais e proficiência de linguagem cognitiva, são aqui retomadas pelo Autor; este também discute como diferentes disciplinas (a Matemática, Ciências e Estudos Sociais) auxiliam o estudante a desenvolver habilidades mentais e proficiência lingüística. O uso da segunda língua com objetivos acadêmicos também facilita a transição da aquisição de língua ao aprendizado da língua, auxiliando o estudante a transferir suas habilidades lingüísticas a novas situações.

O uso do jornal para o ensino de um segundo idioma requer maior envolvimento na sala de aula; sob essa alegação, o autor sugere trabalho em grupos, com a participação de pelo menos um estudante nativo, ou pelo menos do nível mais avançado no aprendizado de um segundo idioma, onde mais de uma situação de aprendizado surge, com maior variedade de práticas e de interação. O professor deixa de ser o único meio de informação. Os estudantes, em contato com vários materiais e estímulos, apresentam maior rendimento no aprendizado e uso de linguagem. O reagrupamento dos estudantes é sugerido, sob a supervisão do professor, a fim de se evitar que alguns estudantes fiquem dependentes de outros. Vários outros aspectos são considerados pelo autor, ao aconselhar professores que desejem integrar o ensino de um segundo idioma ao conteúdo das diversas disciplinas descritas de modo prático, didático. Mapas semânticos, quadros sinóticos, palavras cruzadas e jogos de combinações de palavras são propostos para que o professor trabalhe com o enriquecimento de vocabulário do estudante de forma lúdica e eficaz, para que o estudante internalize as estruturas da língua ensinada.

O quinto e último capítulo trata de atividades na sala de aula nas diversas disciplinas, divididas em dois níveis: iniciantes e intermediários/ou avançados. Todas as atividades são descritas de forma prática, com localização dos conteúdos nas diferentes seções dos jornais, de acordo com os níveis de cada grupo, seus processos e conceitos envolvidos nas atividades.

Na área de Matemática, fotografias, gráficos, desenhos, classificados, números publicados são utilizados para estabelecer comparações de proporções, formas geométricas, cálculos de custos de viagens, porcentagem, custo de vida, problemas baseados nos preços dos supermercados, uso de indicadores econômicos, taxas das diferentes moedas, sempre visando à informação atualizada do aluno e o ensino do conteúdo da disciplina.

Na área de Ciências, a novidade reside no comentário do autor de que "uma interessante vantagem oferecida nas atividades científicas com o jornal é a de que se dispensa a instalação de laboratório"; através do jornal, o estudante terá uma série de dados para o entendimento de situações e classificações, auxiliados pelos mapas semânticos ou organizacionais. A leitura de reportagens de cunho científico (fenômenos naturais como terremotos, enchentes, furacões) pode levantar dados preciosos para o professor levar os grupos a comparações dos dados já manipulados pelos estudantes com as novas informações adquiridas. Mapas do Tempo, receitas de culinária, pesquisa em informações científicas veiculadas pelo jornal, problemas ambientais, reciclagem de papel são descritos de forma didática de modo a subsidiar o professor nesta área da forma mais completa possível.

As atividades apresentadas para os Estudos Sociais, bem como em Ciências e Matemática, não estão distribuídas dentro de uma seqüência de currículo escolar; estão apenas classificadas de acordo com os dois tipos de níveis citados anteriormente e cabe ao professor o discernimento e habilidade em dosar as ativi-



dades propostas de acordo com as necessidades da sua turma de estudantes. Colagens, árvore genealógica, fotografias de diferentes localidades, mapas conceituais de diferentes funções na comunidade, utilização dos diferentes meios de transporte, a locomoção humana, podem ser pesquisados no jornal e explorados pelo professor de diversas maneiras sugeridas no livro.

A educação do consumidor também pode ser feita nesta área, levando os estudantes a incorporar novos conceitos e nova visão social. A reutilização de jornais "velhos" para atividades como "papier-maché" e reciclagem de papel também contribuem para essa nova forma de comportamento ambiental, dentro do conceito ecológico. O impacto das novas descobertas científicas e tecnológicas e as modificações ambientais podem servir de pesquisa e formação de uma nova consciência social; várias seções dos jornais são sugeridas para proveito nesta área, sobretudo política, artes, esportes, envolvendo personalidades e fatos atuais com "tempestades" de conceitos associados a pessoas ou fatos do jornal, bem como discussões sobre o impacto desses fatos na sociedade. A Geografia da região pode ser igualmente levantada mediante consulta a mapas regionais ou fatos do jornal, pesquisando-se e nomeando-se locais e acidentes geográficos que venham inseridos no jornal, até o levantamento completo do mapa da região ou Estado desejado.

O Apêndice apresenta livros e outras publicações a respeito do uso de jornais na Educação que podem servir de guia ao leitor interessado em outras áreas e níveis de educação mediante o uso de jornal. É uma publicação de valor inestimável para todo educador que se preocupa com ensino e aprendizagem de uma segunda língua seja na leitura ou na escrita, contribuindo de forma ímpar para o enriquecimento do trabalho com vocabulário e inserção na comunidade, com sugestões práticas de técnicas perfeitamente absorvíveis na sala de aula de qualquer escola em qualquer país, e de forma

especial no Brasil, onde o professor luta com a falta de recursos pedagógicos e o jornal pode vir a contribuir de forma bastante positiva no enriquecimento da transmissão das diferentes disciplinas nas escolas brasileiras.



## Escritores mirins<sup>1</sup>

Geraldina Porto Witter

Departamento de Pós Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas

O interesse pela escrita infantil em seus múltiplos aspectos tem crescido por parte de cientistas das mais variadas áreas. Como resultado, paulatinamente vem crescendo o conhecimento sobre a matéria, muitas questões vão sendo esclarecidas e evoluem substancialmente os recursos de ensino e as estratégias para tornar mais fluente e enriquecedora a experiência de aprender a escrever.

O livro organizado por Cullinan é um reflexo deste quadro, oferecendo meios e sugestões que permitem ensinar as crianças a serem mais criativas, efetivas e proficientes enquanto escritoras. Além do Prefácio e da Introdução, a obra compreende cinco capítulos, elaborados por especialistas; contém um índice de autores citados, bem como índices de livros e autores infantis, referidos no corpo do trabalho.

No sucinto Prefácio escrito por Graves, a Autora começa por falar no impacto do comportamento do professor, enquanto leitor-escritor, sobre os seus jovens alunos. É um convite à leitura do livro.

A Introdução é escrita por Cullinan e começa com a oração "As crianças são as mensagens que enviamos a um futuro que não veremos" (p. 1), portanto, para que elas tenham êxito devem ser capazes de caminhar por elas próprias, serem aprendizes independentes, capazes de expressar claramente o que queiram, contribuintes efetivos para a sociedade, criadores de uma vida melhor para si e para o próximo. Isto coloca para o adulto de hoje o dever de orientar para que sejam bons leitores, escritores, falantes

e pensadores para que tenham êxito no mundo que irão herdar.

Um dos caminhos para isto é trabalhar a leitura e cuidar da literatura ao longo do currículo é um meio útil, agradável e eficiente de obter êxito no que diz respeito à orientação das crianças para que alcancem os fins propostos. A experiência de ensino e de pesquisa tem continuamente demonstrado isto e destacado a eficiência de alguns princípios, os quais emergem também dos textos do presente livro. Vale lembrar alguns: leitura e escrita são atividades complementares, devem ser aprendidas juntas pois estão intimamente relacionadas; a leitura cria a necessidade da escrita, como a escrita cria a de ler; escritores se tornam melhores leitores, leitores se tornam melhores escritores; escrever e falar estão interligados, a escrita desenvolve a fala e esta a escrita; as crianças usam os mesmos processos para dar significado a uma figura que usam para dar significado à linguagem oral; falar e ouvir são meios importantes para se aprender.

O capítulo 1 foi redigido por Fletcher e enfoca a relação entre a literatura e a escrita feita pelas crianças. Mostra que os livros podem se constituir em modelos de vida, em lições de viver ao mesmo tempo que permitem interligar uma miríade de convenções verbais, de valores concretos da linguagem (pontuação, parágrafo) ou mais etéreas (metáforas, ritmo, tensão), servindo de base para que a própria criança escreva narrativas coerentes. As crianças podem ser auxiliadas com escolhas de literatura infantil de bons livros, com convites para que "mergulhem" integralmente nestas obras, com solicitações para que relacionem o texto com suas vidas e compo-

---

1 Cullinan, D.E. (org.) **Pen in hand: children become writers**. Newark; IRA, 1993. 90 págs.

Endereço para correspondência: Av. Pedroso de Moraes, 144, apto. 301 - CEP 05419-900, São Paulo/SP.



nham novo texto. Tomando uma obra por exemplo, Fletcher descreve como fazer isto.

O capítulo seguinte leva a assinatura de Harwayne e trata da formação do escritor que não procura produzir um texto de ficção, mas um texto informativo ou científico. É preciso também formar o escritor científico, o jornalístico, ou seja, o produtor dos textos não literários. Estes precisam: aprender e escrever "seriamente" controlando suas imaginações; ter claras para si as informações que devem passar adiante, no seu próprio texto; tornar claras as distinções entre fatos e opiniões; elaborar suas próprias opiniões; saber buscar, analisar e criticar as informações.

Schroder e Lovett tratam, no capítulo seguinte, da modelagem da escrita, começando com os primeiros esboços, passando pelas várias redações até se chegar à forma final, para publicação. É importante que a criança aprenda a escrever como processo de aperfeiçoamento contínuo e gradual, não como uma resposta que se apresenta pronta.

No capítulo 4 Sangirardi, Gray e Meltzer enfocam a parte dos mecanismos orgânicos subjacentes à escrita, mas vendo a linguagem com um processo total e considerando que é fazendo que se aprende. Enfocam a relevância do envolvimento dos pais nos processos de usar os mecanismos da escrita desde os desenhos ritmos até a escrita fluente, passando pelas histórias em quadrinhos. Destacam também a importância do trabalho cooperativo entre pares ou colegas no processo de escrita.

O último capítulo é escrito por Farr e vê a escrita como um processo de resposta à leitura. Começa por lembrar que a linguagem é um processo dinâmico que se baseia nas experiências, necessidade e interesses da pessoa e que ler, escrever, falar e ouvir são interdependentes. Hoje há uma mudança sensível nas alternativas de ensino e de avaliação do processo de domínio da escrita, sendo que o autor enfoca particularmente a questão da avaliação. Espera-se que o

professor avalie o processo em andamento, que o aluno auto-avalie seu próprio progresso. Há necessidade de integrar as várias formas de avaliação, inclusive da relação leitura-escrita, manter registros do desenvolvimento individual, entre outras atividades de avaliação.

É necessário desenvolver e medir habilidades de contar-escrever histórias, relatórios, ensaios, artigos, cartas, diretórios, instruções. Os professores precisam criar condições ótimas para isto, fornecendo as pistas adequadas. Além disso, é preciso fornecer experiências de escrita que atendam aos vários propósitos que ela pode ter, ou seja, entretenimento, persuasão, aprendizagem, informação e evocação de sentimentos. São oferecidas sugestões para a atividade docente cobrindo todas elas.

Todos os capítulos apresentam uma bibliografia científica sucinta e sugestões de textos de literatura infanto-juvenil que podem ser usados como meio de ensino. As referências às bases científicas das propostas são pouco exploradas e a obra tem mais cunho didático do que científico. Entretanto, é útil não apenas a docentes e profissionais que se ocupam com o desenvolvimento e a remediação da escrita e da leitura. Pode ser útil, como texto de seminário em cursos superiores, inclusive de pós-graduação em que sejam estudadas a leitura e a escrita.